

Urbanista defende solução negociada

Parte estrutural do projeto urbanístico concebido por Lúcio Costa, a W3 integra o cotidiano dos brasilienses, e o interesse pela sua revitalização vai além dos grupos diretamente afetados. A decadência em que se encontra a avenida esconde dias melhores, quando a tranquilidade que cercava as casas residenciais situadas em uma de suas margens contrastava com a agitação em torno das lojas e espaços culturais localizados na calçada oposta. Como observa o urbanista Geraldo Nogueira Batista - diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UnB -, desde o início a W3 fugiu do que havia sido programado para ela; ou seja, ser um setor de armazenamento e comércio atacadista. Se é verdade que os tempos são outros, também não se pode negar a necessidade de se buscar alternativas para a reabilitação desta que é uma das principais artérias da cidade. Este é o tema da entrevista concedida por Geraldo Nogueira ao caderno **Civilização**.

O que é necessário se observar para que um projeto de revitalização da W3 seja bem-sucedido?

• Acho que, em primeiro lugar, é preciso que ele aborde todos os condicionantes relativos à área: econômicos, ambientais, funcionais, morfológicos, estéticos, patrimoniais, sociais... Se não for assim, o projeto pode ficar capenga e não dar certo. Um exemplo é a proposta de se inverter o sentido de circulação dos carros na W2. É uma coisa que atende a um aspecto, mas não sei se não criaria problemas. Por um lado, essa proposta atende à demanda da pessoa que vem pela W3, vê uma loja e pode retornar para ir até lá, mas por outro irá fazer, por exemplo, com que o tráfego dos caminhões que abastecem essas mesmas lojas - atualmente feito pela W2 - se dê pela W3. Isso vai carregar ainda mais o tráfego na avenida. Eu não estou dizendo que não

se deva inverter a mão, mas apenas que a gente tem que considerar todos os aspectos. É preciso considerar também a população vizinha. Você pode ter uma solução que é ótima para os comerciantes, mas talvez não seja ótima para os moradores das quadras. E assim por diante...

E qual o caminho para se chegar a uma solução que atenda a todos?

• Eu acho que tem que haver um método de trabalho, um procedimento que envolva todos esses aspectos. Um projeto como esse tem que ser negociado, com a participação das várias partes envolvidas. Não existe solução ótima; existe uma solução possível, que tem um caráter político, porque você está mexendo com pessoas, com interesses - da população, patrimoniais, técnicos, a questão de fluidez de tráfego... Essa proposta deve, então, ser obtida dentro de um processo de discussão, de debates, que atenda à maior soma de interesses que existam ali. Não existe essa coisa de alguém, como um mágico, tirar do bolso uma solução que seja a melhor possível. Não existe uma solução de prancheta que seja fantástica, que atenda a todos.

Com a forte concorrência dos shoppings, o senhor acredita que é viável se buscar a revitalização da W3 com base no comércio local?

• Essa questão do shopping é um conflito que existe em praticamente todas as grandes cidades. Os centros comerciais, as chamadas *downtowns*, as áreas comerciais centrais estão perdendo terreno para os shoppings, por questões de conforto, segurança e toda uma série de aspectos.

É, então, uma competição impossível?

• Eu não diria que é impossível. Eu acho que talvez você tenha que fazer uma competição especializada, vamos dizer

assim. Isso, aliás, é uma coisa que a gente vê em algumas ruas de comércio: a rua das elétricas, a rua das noivas, a rua dos restaurantes... É um tipo de competição com a qual essas ruas conseguem sobreviver, mesmo com a existência dos shoppings. Uma possibilidade, talvez, seja examinar essa questão de você ter trechos especializados na W3.

E os espaços culturais, como o da 508 Sul? O senhor acredita que as atividades artísticas e de lazer podem ser um

caminho para revitalização da avenida?

• Acho que é válido. Em alguns trechos, isso funciona. Na 508, por exemplo, você tem essa atividade e é uma coisa que tem sido interessante. Mas será que você pode repetir esse modelo para todos os trechos da W3? Porque podemos até identificar várias W3, com diferentes características. Inclusive, uma das questões que é preciso analisar também é que ela não é só o lado 500. Ela é também o lado 700. E do lado 700, você observa isso. Há trechos em que há cartomantes, sedes de sindicatos, de re-

presentações políticas, pensões... Quer dizer, começa a haver uma certa especialização de áreas que hoje são desvios do padrão de uso do solo estabelecido.

E o senhor acha que a tendência é que esses desvios se consolidem?

• Eu acho que os desvios não são necessariamente ruins. A questão é que toda vez que se estabelece um padrão de uso do solo, é estabelecido um projeto, que deve ser analisado dentro desse complexo de interesses que eu estou colocando. A dinâmica de mudança pode ser negativa ou positiva. Você pode tirar partido dessa dinâmica comercial, empresarial, de interesses da população. A vida de uma cidade se faz com esses interesses. Agora, a coisa pode ser feita de uma forma que seja prejudicial, abusiva, ou não.

De qualquer forma, hoje, a W3 jamais seria a mesma de 30 atrás...

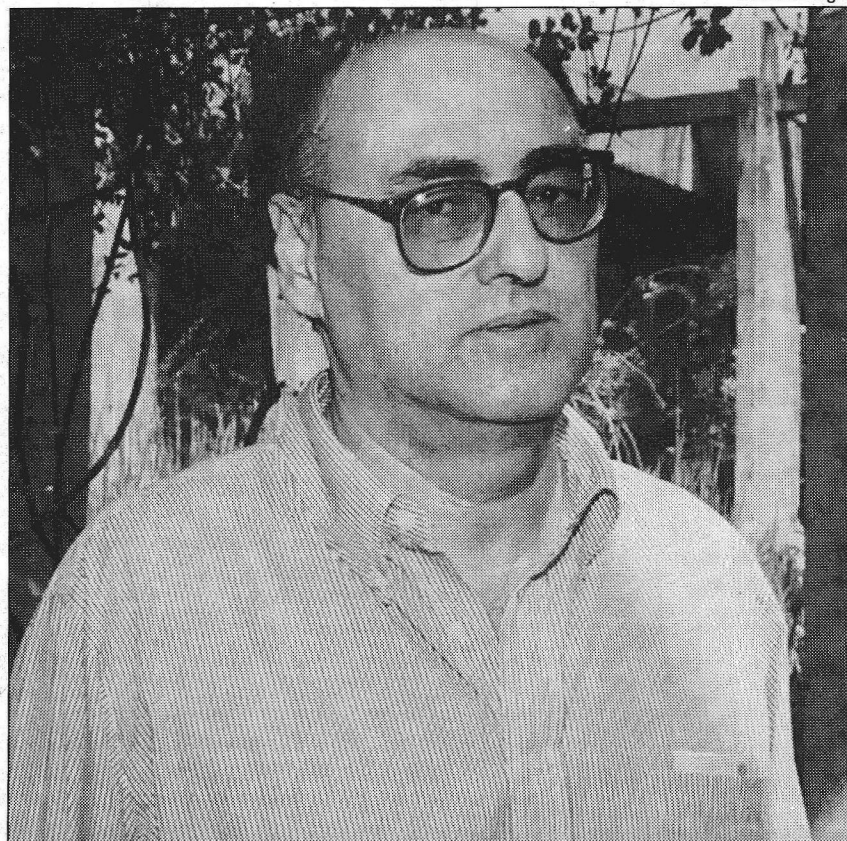
• Não, porque o mundo hoje é diferente. Na época você não tinha o shopping, não tinha a densidade de trânsito que se tem hoje... Aliás, outra questão importante em relação à W3 é que não se pode pensar uma solução para ela isolada do contexto global da cidade.

Na sua opinião, se não for buscada uma solução para a avenida, qual será o seu destino?

• Provavelmente, ela vai se deteriorar mais e mais. E isso caminha para essa obsolescência. Quer dizer, as lojas são abandonadas, aquilo vira um pardieiro, edifícios não ocupados vão envelhecendo... Eu acho que interessa à cidade, ao conjunto da cidade, que ela seja uma área ativa, dinâmica, saudável, segura, amena, agradável... Com todas essas qualidades.

LUCIANA MARIZ

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA



Geraldo Magela

Geraldo Nogueira: "Não existe solução ótima; existe uma solução possível"